

## ALQUIMIA DA IMAGEM: FOTOGRAFIA E CINEMA

### ENTRE O LUGAR E A IMAGEM: UM PERCURSO FICCIONAL

É do entrelaçamento entre as noções de *lugar e imagem* que surge esta investigação em artes visuais, propondo diálogos com o cinema e a literatura. Esta viagem (ou investigação) começou com visitas nestes locais em Portugal entre 2011 e 2017: Observatório da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia), Hotel Miradouro (Porto), Hotel Arribas (Sintra) e Farol Felgueiras (Porto). Retornar a cada paragem para escutar versões do lugar tornou-se um método de trabalho. Apontamentos em vídeo e fotografia testemunhavam situações vivenciadas, ensaiando interrogações sobre aspectos conformadores dos lugares. No atrito entre experiência presencial, conversas informais com pessoas locais e informações oficiais/institucionais delinearam-se hipóteses visuais expandindo o estudo para o campo ficcional. A experimentação prática – articulada à produção de outros artistas e campos teóricos da arte, filosofia e antropologia – levou à conformação do conceito operacional denominado *lugar-imagem*<sup>1</sup>.

Os capítulos da pesquisa receberam os nomes dos locais onde se originaram os projetos artísticos que constituem a componente prática. Há uma coincidência funcional entre a natureza desses lugares e o papel/posição que ocupam na pesquisa. Para além da relação de proximidade que o Observatório, o (Hotel) Miradouro, o (Hotel) Arribas e o farol estabelecem com a ideia de ponto de vista, correspondem ainda a lugares de análise/observação sobre a pesquisa em curso.

Do Observatório e sua associação com o romance *La invención de Morel* (Adolfo Bioy Casares, 1940) e o “photo-roman” *La Jetée* (Chris Marker, 1962) veio a ideia da agregação de um componente ficcional ao *lugar-imagem* – e à produção (2011) de um projeto de mesmo nome. Um observatório – lugar de cálculo e traçado de coordenadas – representou uma visão em longa distância dos elementos a serem trabalhados: o início da jornada. Sua posição na pesquisa reflete a tentativa de vislumbrar à distância o que seria realizado. O Observatório da Serra do Pilar, em seu surgimento, cumpria a função de orientar a navegação. Assim como o projeto artístico ali desenvolvido funcionou como norte para o estudo, indicando rumos para a travessia e bases estruturais da investigação.

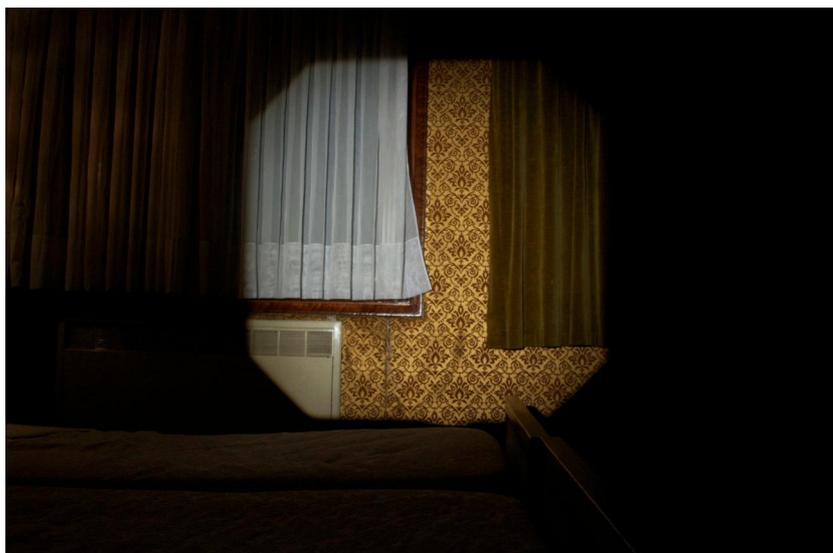
No Hotel Miradouro, a evocação do imaginário cinematográfico levou à realização do projeto homónimo, composto de projeções (com *stills* de filmes selecionados) e séries fotográficas em seu interior. A presença dos espaços de hotel no cinema motivou a elaboração do projeto *Hotel Miradouro* (2013-2015),



Minha fantasma: Judy, 2014 (Projeto Hotel Miradouro).  
Impressão jato de tinta. 48 x 82 cm

que explora a construção de narrativas visuais a partir de experiências vividas nos quartos do hotel. A noção de heterotopia (Foucault, 2005) sugeriu relações de sentido com o *lugar-imagem*, impulsionando a produção artística.

O lance de vista proporcionado por um miradouro pressupõe altitude e visualização privilegiada do entorno. O projeto Hotel Miradouro possibilitou o deslocamento do olhar para um território vizinho, o cinema, ampliando o campo de visão. Na vertente prática da investigação, assinala um ponto de viragem: as imagens imprecisas e indefinidas trabalhadas em parceria com textos ficcionais (projeto *O Observatório*), assumiram uma força visual que afastou tentativas de apagamento ou intervenções neste sentido. Se a meta era perturbar o conteúdo da imagem, a experiência no lugar provocou uma reação inversa: a vocação cinematográfica do Hotel Miradouro gerou um encantamento visual que abalou o norte da pesquisa. Multiplicaram-se as imagens projetadas no interior dos quartos do hotel. Tal experiência produziu alguma vertigem: quanto mais imagens do cinema eram projetadas, mais o lugar tornava-se inacessível. A atmosfera do hotel evoca uma experiência fílmica que não correspondia a nenhum filme propriamente dito. Em meio à profusão de imagens fílmicas surgiu *Still Blank* – série fotográfica do projeto *Hotel Miradouro*. Estas fotografias refletem a tentativa de desnudamento, um enfrentamento entre a ideia de vazio e o encantamento gerado pelo potencial cinematográfico do lugar. Das tantas narrativas ali presentes (projeções) restou apenas uma: em modo de espera ou em branco.



Still Blank 3, 2015 (Projeto Hotel Miradouro).  
Impressão jato de tinta. 50 x 75 cm

O projeto *Depois de O Estado das Coisas* (2013-2017) desenvolvido no Hotel Arribas confronta um local concreto e um lugar fílmico – a partir da obra de Wim Wenders realizada em 1982. O projeto, constituído por registos em vídeo e fotografia realizados nas dependências do Hotel Arribas, explora esse embate. A impossibilidade de encontro entre estes lugares gerou imagens vagas, levemente distorcidas – “imagens ruins” (Steyerl, 2014).

O Hotel Arribas, no âmbito da pesquisa, representa um esforço de localização da narrativa fílmica de Wenders no lugar onde ocorreu a locação do filme no passado. O hotel, cravado nas rochas da Praia Grande em Sintra, é um excelente ponto para observar as ondas a desafiar os limites impostos pela edificação. Arribas são escarpas litorâneas de altitude com vertentes abruptas voltadas para o mar cuja forma resulta da erosão marinha. As ondas escavam sua base tornando instável sua plataforma superior arruinando sua estrutura. Curiosamente, o trabalho desenvolvido no Hotel Arribas apontou uma falha irrecuperável no encontro entre o lugar e seu passado fílmico. Deste encontro impossível emergiram imagens imprecisas que revelam fissuras e espaços vazios em sua constituição. O projeto *Depois de O Estado das Coisas* clarificou uma questão para o estudo: a ideia de imagem como ruína, em processo de desaparecimento, construída e apagada ao mesmo tempo (Cadava, 2011). A falha irrecuperável no tempo reverberou sob a forma de espaços ilegíveis (ou sem sentido) nas imagens produzidas.



Os sobreviventes, 2017 (Projeto Depois de O Estado das Coisas).  
Vídeo (still) 2' 30"

Se o Hotel Miradouro parecia conter inúmeras e indescritíveis narrativas fílmicas em seu interior, no Hotel Arribas não foi possível localizar a contento indícios de um filme realizado concretamente em suas dependências. Dois coeficientes ficcionais opostos e complementares: uma experiência fílmica sem filme (em Wenders) e um filme que oblitera uma intenção de experiência no lugar.

O Farol de Felgueiras serviu de mote para a produção do projeto em vídeo que sinaliza o fim do percurso investigativo: *Travelling low cost: bagagem de mão sobre superfície acidentada*. A imagem clássica do farol que indica ao viajante o rumo da terra firme é desestabilizada por uma espécie de chegada em revés, um afastamento da edificação como ponto de referência.

O *travelling* captura um esforço aparentemente impossível em manter enquadrada uma referência fixa, mas que se revela móvel e inquieta no âmbito da imagem. Neste trajeto no molhe as irregularidades do piso acidentado repercutem bruscamente nas imagens que procuram focar o farol. Uma metáfora possível sobre a resistência da prática artística a um determinado enquadramento, à precisão de uma determinada meta. A visão conturbada do percurso assinala o processo de conclusão dessa jornada investigativa, sem subentender a superfície de deslocamento como plana e lisa. Também sugere certa recusa em considerar o percurso concluído: uma viagem que inicia com as imagens de um observatório meteorológico nas margens do Douro e apresenta como cenas finais imagens de um farol, o Farol de Felgueiras, na foz do mesmo rio.

---

Referências Bibliográficas:

- Cadava, Eduardo. (2010). La imagen: un monstruo de tiempo. In *El tiempo expandido*, pp. 27-41. Madrid: PhotoEspaña; La Fábrica.
- Foucault, Michel. (2005). Espaços outros. *Revista Comunicação e Linguagens: Espaços*, pp. 243-252.
- Steyerl, Hito. (2014). *Em defesa das imagens ruins*. *Revista Serrote* (19). Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

---

<sup>1</sup> O lugar-imagem é um lugar atravessado por uma ideia de imagem, como também uma ideia de imagem que só pode ser definida a partir da evocação de um determinado lugar. *O lugar-imagem* pode referir-se a uma espécie de lugar imaginado (que carrega consigo a memória ou rastro de um lugar concreto), como também a um lugar físico cujas fronteiras são alargadas ou ultrapassadas pela participação de uma componente ficcional.

FABIANA WIELEWICKI – Artista visual e investigadora. Sua produção artística se interessa por uma ideia de imagem ativada pela experiência do lugar. Doutora em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes do Porto (FBAUP), Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Professora Adjunta na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) é líder do Grupo de Pesquisa Visualidades

Amazônicas – VIA (UFAM/CNPQ) e investigadora integrada no Instituto de Investigação em Design Media e Cultura (ID+), Portugal. Foi professora colaboradora na UDESC e professora Adjunta no ISCE Douro (Portugal), realizou assessorias e curadorias em diversos projetos de Artes Visuais promovidos pelo Setor de Cultura do SESC/SC e dirigiu com Letícia Cardoso o Centro Cultural Arquipélago em Florianópolis.